

# ‘A valorização da negritude deve chegar para as crianças antes do racismo’

Daiana de Souza lança seu primeiro livro infantil em uma coleção inspirada por personalidades pretas históricas

Por Malu Carvalho – Rio de Janeiro

19/10/2023



Escritora, roteirista e professora mestre em história, Daiana de Souza descreve o processo de criação de “Jornal dos Tigres” e a importância de uma literatura infantil que valorize referências históricas para a geração de repertório e autoconfiança nas crianças. Autora em coletâneas como “Respirar”, “Carolinas” e “Rio de Contos”, também assina projetos audiovisuais com os roteiros das séries “Setas: Caminhos Possíveis” e “Americana”.

## **Você está lançando seu primeiro livro infantil, “Jornal dos Tigres”. Conta um pouco da história dele?**

É a história de Carlinhos, que é provocado pela professora sobre o que ele vai ser quando crescer. Ele acaba dando uma resposta que a professora acha que é malcriação. Ele fala “Ué, professora, quando a gente crescer, a gente não vai ser grande?”. Então ela explica que está falando de profissão, e a partir daí ele vai em uma descoberta de duas coisas. Primeiro, ele vai sair conversando e perguntando a profissão da família toda. Até que um dia ele estava voltando da escola e acaba caindo de bicicleta e vê uma placa na rua da avó, que é a Rua José do Patrocínio, e começa a querer saber quem é José do Patrocínio, mas ninguém sabe explicar muito bem. O avô diz para o garoto que uma pessoa grande não é só grande de altura, mas é alguém relevante para a sociedade. Carlinhos começa a se inspirar nessa figura que tem grandeza, que é o José do Patrocínio. Ao longo do livro, junto da família e de um amigo, ele cria um jornal para contar a história da vida do José do Patrocínio e mostrar na escola.

## **Como professora, sua profissão auxiliou na escrita e no processo criativo?**

Eu acho que para a minha produção enquanto escritora e roteirista o fato de eu ser professora contribui demais para o meu trabalho de escrita. O costume de fazer pesquisa, de falar com as pessoas e de ouvi-las é muito importante para um escritor. Fora o fato de que por dar aula para o ensino médio, estou sempre por dentro do que os alunos gostam, do que eles veem e escutam, das gírias que eles falam, das coisas que os preocupam. Então, de certa forma, eu sinto que isso me deixa um pouco mais jovem, o que também é importante para o meu processo criativo, ter acesso a pessoas de faixas etárias diferentes da minha. No caso das histórias infantis, elas orbitam muito em torno das brincadeiras de criança, do ambiente que elas passam muito tempo, que é a escola, os professores, a família. Eu achei que essa conversa sobre o que se quer ser quando crescer cabia muito mais na boca da professora do Carlinhos do que na boca dos pais, por exemplo.

## **Qual foi sua maior inspiração para a criação do livro?**

Na verdade, esse livro foi encomendado. Não foi um livro que eu pensei do início ao fim. Veio com uma necessidade de falar sobre José do Patrocínio. Ele faz parte da *Coleção Nossas Histórias*, da Editora Malê, e tem como diretora editora responsável a Simone Mota. A ideia não era escrever biografias propriamente, mas histórias dessas pessoas relevantes sob o ponto de vista das crianças. Quando eu fui pesquisar e ler sobre José do Patrocínio, eu acabei tendo contato com uma figura histórica muito relevante, que foi uma voz ativa e cheia de garra durante o movimento abolicionista e o processo de fim da escravidão, e que fundou jornais e os usou como tribuna para defender a liberdade dos cativos. E para além disso, ele foi alguém múltiplo, com várias profissões, trouxe um dos primeiros carros para o Brasil. Era uma pessoa negra de posses, no fim do século XIX, mas que veio da miséria e da escravidão. A figura do José do Patrocínio, mais do que tema da história, é uma figura de grande inspiração para mim e para o que eu gostaria que crianças, em particular crianças negras, tivessem acesso o mais cedo possível. Quanto mais cedo a gente tem acesso a essas histórias, mais aumentamos nosso repertório e nossa capacidade de também sonhar.



### **Você busca atingir outro público além do infantil com essa publicação?**

O *Jornal dos Tigres* é um livro para leitores experientes. Crianças de oito, nove, dez anos já conseguem ler o livro sozinhas, mas também é muito rica a leitura junto de um mediador, sejam os pais com crianças menores, sejam os professores em sala de aula, e até mesmo mediadores em bibliotecas e contadores de história. O fato de a história ter o Carlinhos e um amigo, que é o Dani, mas também ter a mãe, o pai, o avô, a avó, a professora, também coloca os adultos no centro da narrativa, apesar de ser o Carlinhos quem toma todas as atitudes. Acredito que o livro possa ser lido, sim, por várias pessoas. A gente tem tido uma literatura infantil com temáticas voltadas à valorização da negritude e de personalidades históricas negras, mas muitas vezes essa produção vem com o foco muito forte em falar do racismo. Eu acredito que a valorização da negritude deve chegar para as

crianças antes do racismo. Não acho que falar do racismo em si para as crianças seja o caminho mais produtivo. Quando a gente mostra para as crianças como são ricas as nossas referências, como a gente têm história para além da escravidão e do racismo, a gente colabora para reforçar a autoestima, a confiança e o próprio repertório dessas crianças que mais tarde se tornarão adolescentes e adultos e terão estofo para lidar com questões tão complexas.

### **Em setembro, você lançou seu livro na Bienal do Livro. O que você destaca dessa última edição do evento?**

Eu sou muito fã de Bienal, lembro vividamente da primeira que eu fui, na adolescência, e comprei sete livros, que foi uma realização para mim. É um evento superimportante, que esse ano comemorou 40 anos, e mostra como a literatura pode ser encantadora, uma janela para ver o mundo, algo lúdico, que gere interesse para além das telas e de outras formas de lazer e entretenimento. Eu tive a honra de lançar esse livro na Bienal e o prazer de dividir com minhas colegas de coleção, Simone Mota e Luana Rodrigues, uma mesa no estande da Secretária de Cultura do Rio, *A Paixão de Ler*. Foi muito bom o primeiro contato do público com o livro, eles folheavam, viam as ilustrações. Tinham muitas professoras no evento e a Prefeitura do Rio dava um *voucher* para comprar livros, com parte deles tendo que ser voltados para literatura infantil de autoria negra ou temática negra. Eu achei a Bienal muito bem cuidada e os estandes estavam muito bonitos e dedicados à missão de encantar novos leitores. O estande da Malê, que é uma editora de média para pequena, teve um bom espaço decorado com as capas dos seus livros mais famosos e recebeu presenças ilustres como Eliana Alves Cruz, Luana Rodrigues, Elaine Marcelina e a grande Conceição Evaristo, nossa maior referência. Eu destaco a curadoria desse ano, pois teve um cuidado muito grande em juntar autores internacionais *best-sellers* que trazem muito interesse para o evento, com os grandes autores nacionais.

**Apesar de estar há quase 10 anos no mercado, foi a primeira vez que a Editora Malê teve um estande próprio na Bienal. Em que aspecto esse fato reflete a realidade da literatura de mulheres pretas no país?**

Eu gosto de usar o termo “literatura de autoria negra”, da Cidinha da Silva. Muito do que as pessoas chamam de literatura negra, nem sempre é escrito por pessoas negras. Isso vem de um passado em que os negros não tinham tempo para se dedicar à literatura, eram pouquíssimos de nós que conseguiam fazer isso, então tínhamos autores brancos falando desses personagens, muitas vezes com um olhar racista. Isso tem a ver com a construção da nossa sociedade, com o próprio racismo estrutural, e a literatura reflete e é um reflexo dessa sociedade, sendo uma ferramenta muito importante para trazer mudanças. Quando você vê editoras como a Malê pela primeira vez com o seu próprio estande, algo que demanda muita organização e investimento, é interessante porque é um passo a mais nesse mercado editorial brasileiro. É uma grande vitória, não só para a Malê, mas para outras editoras também. E para além das editoras específicas com literatura de autoria negra, temos os autores negros em grandes editoras, com livros muitas vezes em local de destaque. Ainda é preciso caminhar muito, mas não podemos ignorar o quanto de caminho percorrido temos até aqui.

**Como é lançar um livro pela mesma editora que uma autora tão renomada quanto Conceição Evaristo? O que isso significa para você?**

Eu queria escrever desde criança, mas a vida vai acontecendo, vamos sonhando outros sonhos e mudamos nossa trajetória. Desde 2019, quando eu comecei a levar a sério essa questão de escrever de novo, para mim era muito importante publicar em uma editora como a Malê. Levando em conta de onde eu venho, tudo que eu estudei, tem muita importância as pessoas negras estarem em lugares onde elas possam ser elas mesmas, estarem juntas em lugares onde elas possam se apoiar e ter um coletivo. A Conceição Evaristo é uma grande referência e uma grande inspiração. Eu estou escrevendo um romance que tem a ver com parte da minha trajetória, então bebo muito das palavras da Conceição Evaristo para tocar esse projeto para frente, porque muita gente acha que tudo que ela escreve é o que ela vive, mas seria impossível viver tantas vidas. Ela é uma bússola, uma orientação. Não chego aos pés da literatura sensível e poética dela. Ela é muito mais que representatividade. Ela é uma das grandes escritoras da literatura nacional, independente de raça. E para nós, escritores negros, ela é uma mestra, uma presença que só engrandece a todos nós. Para mim é a maior que nós temos depois de Machado de Assis.

**No último final de semana você lançou seu livro em Macaé. Qual é a sensação de fazer o lançamento em casa logo depois de um evento tão grande quanto a Bienal?**

A Bienal foi muito interessante porque você vê pessoas que você nunca viu comprando seu livro porque gostaram da capa ou porque folhearam a história. Vários dos meus amigos do Rio ou de Macaé foram na Bienal me ver, comprar o livro lá e autografar. Ex-alunos e alunos também porque eu fui com a escola um dia. Foi muito maravilhoso. Mas lançar em casa tem outro sabor e eu pude estar perto da minha família. A Ray Lima, ilustradora do livro, também estava presente. Foi muito especial ter meu filho tão perto falando do livro, sabendo a história. A Casa Ipê cedeu o espaço para o lançamento, porque Macaé é a cidade do petróleo, a cidade que quer ser a cidade do conhecimento, mas a gente não tem nenhuma livraria. Eu tive que fazer esse esforço que não é tão comum para escritores de outros lugares, que foi comprar os

livros da editora e vender para que essas pessoas tivessem acesso ao livro. Foi uma festa, foi muito bonito, vimos as crianças brincando, meus pais ficaram orgulhosos.

**Quais são suas expectativas para o livro? O que você espera que ele faça pelas crianças e por você como autora?**

Todo escritor sabe que o livro só vira o livro de verdade na mão dos leitores. Antes desse livro eu publiquei em várias coletâneas desde 2021, então eu venho de uma literatura de contos e adulta, onde você nem sempre sabe o que o leitor achou. Agora, nesse desafio da literatura infantil, eu espero que esse livro chegue a muitos leitores adultos e crianças. Que os adultos despertem as crianças interiores. E que as crianças percebam que elas podem ser grandes, não só no sentido de ficar adulto, mas no sentido de fazer grandes coisas, de ser relevante para a sociedade e de participar criticamente, ativamente e positivamente em uma sociedade melhor que a gente possa construir. Eu não uso a palavra racismo nesse livro em nenhum momento, mas eu espero poder colaborar com a valorização da negritude, para que as nossas boas histórias cheguem às crianças antes do racismo, para que elas cheguem à idade certa para lidar com o racismo mais resistentes e mais seguras de si. Com esse livro, eu espero também estar presente nesse espaço da literatura infantil, que, para mim, é um espaço muito valioso porque tenho uma criança e compro livros de autoria negra para essa criança, leio para ela. É muito especial fazer parte desse grupo que se dedica a contar histórias e a aumentar a bolsa de história das crianças.